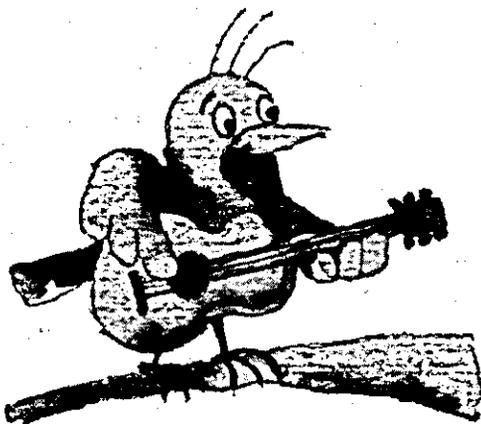


# Rubinho do Vale - Resgatando e Produzindo Folclore

Maria Lígia Marcondes de Camargo<sup>1</sup>



Desde tempos imemoriais, a música, quer seja considerada como arte, ciência, magia ou entretenimento, representou uma forma expressiva de comunicação e prazer, traduzindo, não só, profundos sentimentos humanos, como também, o ritmo individual e coletivo de suas manifestações básicas e instintivas.

Assim é que, ao estudo da vida das sociedades humanas sobre a terra, vincular-se-á a história de sua própria música como a mais autêntica e representativa projeção do caráter e das tendências dos elementos que as compõem. Não fora sem razão que o sábio chinês Confúcio, já defendera a idéia de haver na música uma significação inexplicável que interferia na vida e nos destinos das civilizações.

Estabelecendo a intercomunicação de gerações, épocas e culturas

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Educação Física da EEF/UFMG; Especialista em Educação Musical e em Musicologia Histórica Brasileira.

diferentes, a exemplo do que ocorreu na Idade Média, com a ação dos menestrelis e dos trovadores errantes, a função social exercida pela música tem sido responsável pela perpetuação de valores que transcendem o tempo e se traduzem em religiosidade, como no canto gregoriano ou em entretenimento e lazer, como acontece com a música folclórica.

No Brasil, onde a diversidade étnica de nossas origens responde pela inesgotável riqueza da cultura material e espiritual do povo, a sobrevivência de extensas áreas geográficas vem sendo garantida, muitas vezes, graças à ação de continuidade dos legados representativos de valores transmitidos através das gerações. É o caso do Vale do Jequitinhonha, região que encerra uma das mais produtivas fontes de cultura popular e folclórica, presentes na música, danças, folguedos e artesanato locais.

A "Cultura do Vale", como já vem sendo conhecida em toda Minas Gerais e no Brasil, é uma realidade e para isso, a contribuição do seu próprio povo, como difusor do rico acervo cultural, é das mais notáveis. É nesse contexto de obstinada resistência pela perpetuação de uma cultura criativa e simbolicamente popular, que se insere o trabalho do músico Rubinho do Vale. Natural da região, o outrora estudante de geologia da Escola de Minas de Ouro Preto vem, desde o início de 1979, propondo cantar a cultura popular e folclórica do Vale, numa luta constante pela sua preservação e valorização. Vencedor de muitos festivais, Rubinho apresentou-se, várias vezes, nos Estados Unidos, tendo lançado um disco na Alemanha. Realizando uma autêntica simbiose entre Lazer, Folclore e Comunicação, sua música vem sendo trabalhada nas escolas de 1º grau, com fins pedagógicos, e seus discos despertando o interesse dos educadores e professores de Educação Física. Ainda em 1998, o compositor pretende lançar mais alguns discos, em comemoração aos 15 anos de caminhada musical e artística.

Para conhecermos ainda mais o trabalho deste músico que cativa os que dele se acercam pela simplicidade de suas palavras, nada melhor de que lhe formular algumas perguntas:

M.L. – Você, como filho do Vale do Jequitinhonha, sabe que a cultura popular da região é alimentada pela criatividade do povo e pelo interesse que nele despertam os seus cantos, brinquedos, tradições e danças. Em seu trabalho, como você consegue ver e associar o aspecto lúdico da cultura popular do Vale nos seus mais autênticos aspectos e o papel social da produção artística?

R.V. – *As brincadeiras são fontes reveladoras das condições sociais*

*e culturais de um povo. No Vale, em cidades pequenas, vilas e no meio rural, a criança constrói e cria muitos brinquedos, principalmente, quando não tem recursos para comprá-los. Quando os constrói ou quando participa de uma brincadeira, a criança está obtendo vários conhecimentos básicos para o seu desenvolvimento como ser humano: solidariedade, respeito ao próximo etc.. A produção artística do Vale vem revelando esses valores, seja na música, no artesanato e em outras áreas.*

M.L. – Tomando como paradigma as manifestações culturais lúdicas, folclóricas e populares da região, poder-se-ia dizer que essas experiências recreativas representam um estado de espírito do povo ou um meio de perpetuação de sua expressão artística?

R.V. – *Estou gravando um disco para ser lançado em agosto, cujo título é “Folclore, Cultura Popular - a alma do povo brasileiro”. Pode perceber o quanto a afirmativa dessa pergunta é verdadeira para mim.*

M.L. – Numa sociedade dominada pela tecnologia, onde crianças passam horas ininterruptas diante do computador ou jogos eletrônicos, como você explica o trabalho que vem desenvolvendo de resgate e difusão dos valores simples e genuínos da cultura do povo?

R.V. – *É preciso saber usar o computador, não permitindo que ele ocupe o espaço das brincadeiras de correr, de pular, de rodar e de cantar. Estas sim, alimentam o nosso espírito de alegria. Tenho procurado cumprir o meu papel, como artista e como cidadão, despertando as pessoas para a construção de um mundo mais fraterno. Brincando-se sozinho, o dia inteiro, diante de um computador, ou disputando com ele, não estaremos contribuindo tanto para a realização desse sonho de todos: um mundo onde as pessoas possam ser mais amigas.*

M.L. – Sabemos que a depressão e o estresse são grandes males que atingem o homem urbano. Você acredita que é possível encontrar uma “alegria de viver” na simplicidade do brinquedo compartilhado, da dança ingênua ou do cancionário popular coletivo como forma de recreação e lazer?

R.V. – *É possível sim. O ser humano precisa voltar-se para as coisas*

*mais simples da vida. Acho que a música faz uma ligação direta com Deus; é expressão de um sentimento bom. A singeleza das canções populares nos transporta, pois facilmente para momentos de prazer, nos faz reconquistar a alegria de viver com mais sabedoria e mais humildade. A música folclórica e as brincadeiras são manifestações coletivas que nos fazem reencontrar nosso lado anjo, mais humano, melhor.*

M.L. – Nesse sentido e voltando ao objeto material de sua pesquisa constante, que é a cultura popular, você não acha que essa dimensão, atrelada ao Lazer/Folclore e à Ação Comunitária formam uma “tríade perfeita”, fundamental e imprescindível a qualquer sociedade humana?

R.V. – *A Comissão Mineira de Folclore vem procurando fazer um trabalho com as escolas e a comunidade em geral, no sentido de resgatar e revitalizar o valor da palavra Folclore, usada, ultimamente, de forma pejorativa, até por pessoas consideradas esclarecidas. O folclore é ciência, é lazer, é festa e saber. Saber coletivo, para ser repartido e festejado por todos, que universaliza dentro das peculiaridades de cada um e de cada lugar. Portanto, toda comunidade que respeita e ama sua cultura está respeitando-se a si própria, reafirmando seus membros como cidadãos, fortalecendo-os para os embates da vida.*

M.L. – Nascido no Vale, você traz em si o saber particular que é um traço lúdico regional. Como você sentiu o “chamado” para a missão de difundir todo esse manancial inesgotável de cultura popular?

R.V. – *Meu nome vem de Rubim, minha cidade; o Vale, do Vale do Jequitinhonha. Pode perceber o quanto amo o Vale. Sinto que tenho muito por fazer. Cantar a terra da gente é algo maravilhoso, é uma história de amor. Quando menos percebi, estava dentro do mundo da música e de forma bastante espontânea fui aprendendo a conviver com ela e para ela. Sinto-me feliz por ser um dos representantes da cultura popular do Jequitinhonha. Quero sempre poder honrar essa missão que o Vale me confiou.*

M.L. – Na maioria dos países europeus, as tradições populares e folclóricas lúdicas são mantidas vivas como fatores de unidade nacional, de integração social e de busca da cidadania. O que você acha que está faltando

para o povo brasileiro alcançar o grau de entendimento que o faça valorizar e reconhecer a necessidade dessa mesma preservação?

*R.V. – Falta ao povo brasileiro reconhecer que um dos maiores patrimônios de um povo é sua cultura. Só seremos verdadeiramente independentes, quando nossa raiz, nossa cultura for mais amada e respeitada por nós mesmos. Os meios de comunicação precisam ter mais carinho com a arte produzida em nosso país. Não podemos viver submissos aos modismos culturais importados. Menosprezamos o que é nosso e cultuamos o que vem de fora. Algo está errado. O Brasil precisa se conhecer. Acho difícil existir outro país que possua uma diversidade cultural tão rica. Os meios de comunicação e as escolas precisam mostrar o Brasil para os brasileiros.*

M.L. – Sabemos que sua produção tem sido constante. Poderia enumerar seus discos, assinalando-os de acordo com sua cronologia e assuntos tratados?

**1) Tropeiro de Cantiga (1982) – Primeiro disco**

Todo acústico, fala muito do Jequitinhonha. É um disco bem original. Tem participação especial do coral Trovadores do Vale.

**2) Violas e Tambores (1984) – Segundo disco**

A minha idéia era juntar as violas e os tambores do Vale aos charangos e tambores da música andina. As canções Livre Hermana e Vilas e Tambores revelam mais claramente esta intenção.

**3) Viva o povo brasileiro (1986) – Terceiro disco**

Um canto de louvor ao povo do Brasil. Gravado em São Paulo, com participação de músicos, como: Geraldo do Monte, Toninho Carrasqueira, Toninho Ferragute, Gereba e Capenga (Bendegó), João Bá, entre outros.

**4) Trem Bonito (1988) – Quarto disco**

Como o próprio nome diz, um disco com a cara de Minas Gerais. Lado A: Lado Minas e Lado B: Lado Geraes. Um, mais barroco, mais religioso; o outro, mais sertão, mais forró, mais cerrado, mais nordeste.

**5) Encantado (1990) – Quinto disco**

Um disco mais moderno, mais urbano, tendo até bossa nova. Um disco muito bem arranjado pelo músico e compositor Juarez Moreira.

**6) Ser Criança e Verde Vale Vida (1991) – Sexto e sétimo discos**

Dois discos unindo criança e ecologia. O disco de criança foi lançado em CD; o ecológico, será lançado também em CD, ainda este ano.

**7) Justiça e paz se abraçarão (1995) – Oitavo disco**

Dedicado à campanha da Fraternidade da Igreja Católica em 1996. Músicas que falam de justiça, trabalho, terra, fraternidade, Deus e vida.

**8) Jequitinhonha Vale Brasil (1996) – Nono disco**

Um documentário musical do Vale, com participação de Frei Chico, Lira Marques e do Coral Trovadores do Vale. Lançado na Alemanha.

**9) Enrola-bola / Brinquedo-brincadeiras e canções (1996) – Décimo disco**

Um disco falando de brinquedos e brincadeiras, dedicado às crianças. Feito em parceria com o educador Francisco Marques (Chico dos Bonecos).